



O CONFLITO GEOPOLÍTICO ENTRE OS EUA E A CHINA: NOVOS DESDOBRAMENTOS COM A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS¹

Ronaldo da Silva²

RESUMO

O deslocamento dos EUA da posição de principal parceiro comercial em mais uma centena de países pela China, o avanço de sua indústria e tecnologia, seus trilhões de dólares investidos em todos os continentes, trens de alta velocidade, internet 5G, exército de engenheiros, milhares de patentes anuais, entre outros feitos passaram a incomodar os EUA decisivamente. O déficit comercial em torno de 300 bilhões de dólares e a desindustrialização de vastas regiões dos EUA estão entre as queixas mais graves. A pandemia mundial, causada pelo vírus SARS-COV-2 em 2020, com origem em Wuhan na China ampliou ainda mais os contenciosos entre as duas superpotências. Cerca de 5 milhões de pessoas no mundo morreram de covid-19, isto é da doença e de suas consequências causada pelo vírus da família de coronavírus. Nos EUA, morreram cerca de 700 mil pessoas, no Brasil, 600 mil, na China, 4.600 pessoas segundo dados oficiais. Os presidentes D.Trump e J. Biden mostram por gestos e por palavras que a contenção da China é uma estratégia geopolítica bipartidária dos EUA enquanto Estado-nação, independente de quem ou de qual partido esteja no governo. Assim cabe perguntar 1) Quais são os principais pontos de convergência e divergência entre EUA e China projetados para o período 2020 – 2030? 2) Como será a interação dos dois países nos temas de segurança, economia e comércio? Esse artigo pretende elaborar e refletir sobre a nova rodada de tensões entre EUA e China no processo de superação da pandemia causada pelo SARS-COV-2.

Palavras-chave: Pandemia, China, EUA, Geopolítica

ABSTRACT

The displacement of the US from the position of main trading partner in over a hundred countries by China, the advance of its industry and technology, its trillions of dollars invested in all continents, high-speed trains, 5G internet, an army of engineers, thousands of annual patents, among other feats began to bother the US decisively. The trade deficit of around 300 billion dollars and the deindustrialization of vast regions of the USA are among the most serious complaints. The global pandemic, caused by the

¹ Projeto de Pesquisa - Política Externa Brasileira, Geopolítica e Desenvolvimento (2016-23) – a Direita no Poder

² Professor Associado no IG da Universidade Federal de Catalão – UFCAT
ronaldo.ufcat@gmail.com;

³ Ver ZAKARIA, F. (2008) no IG da Universidade Federal de Catalão – UFCAT
ronaldo.ufcat@gmail.com

⁴ MARKISSISNGERL, H. (2011)

⁵ https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/docs/2015_national_security_strategy



SARS-COV-2 virus in 2020, originating in Wuhan, China, has further amplified the disputes between the two superpowers. About 5 million people worldwide have died from covid-19, that is, from the disease and its consequences caused by the virus of the coronavirus family. In the US, about 700,000 hundred thousand people died, in Brazil, 600,000 hundred thousand, in China, 4,600 thousand people according to official data. Presidents D.Trump and J. Biden show by gestures and words that containing China is a bipartisan geopolitical strategy of the US as a nation-state, regardless of who or which party is in government. So it is worth asking 1) What are the main points of convergence and divergence between the US and China projected for the period 2020 – 2030? 2) How will the interaction between the two countries be in terms of security, economy and trade? This article intends to elaborate and reflect on the new round of tensions between the US and China in the process of overcoming the pandemic caused by SARS-COV-2.

Key Words: Pandemy, China, USA, Geopolitics

INTRODUÇÃO

Entre 2001 e 2020, os EUA, potência hegemônica no mundo, se envolveram em duas guerras, caras e difíceis de serem vencidas no longo prazo, no Afeganistão (2001) e Iraque (2003). Também, se envolveu em outros conflitos e tensões regionais pelo mundo: Líbia, Síria, Irã, Rússia, Venezuela, por exemplo, e impôs muitas sanções econômicas, comerciais e tecnológicas. Nesse mesmo período, a China foi ampliando discretamente a sua base industrial e tecnológica. Assim, os EUA foram ultrapassados em produção industrial e parcerias comerciais. Por outro lado, firmas americanas, gigantes da tecnologia e da internet, como Facebook, Google e Amazon, entre outras, viram nascer concorrentes chinesas. Mas desde 2014, no segundo mandato do presidente Barack Obama, os recursos estratégicos dos EUA começaram a mirar a China e a se deslocar do Oriente Médio para o Extremo Oriente.

Os EUA foram deslocados da posição³ de principal parceiro comercial de dezenas de países pela China, inclusive do Brasil em 2008. Há outros fatos como os avanços da industrial espacial chinesa, a presença massiva da China na África, com bilhões de dólares em investimentos, sua captura, em escala global de recursos naturais e alimentos, seus trens de alta velocidade, internet 5 G, seu exército de engenheiros, as

³ Ver ZAKARIA, F (2008)



milhares de patentes anuais, entre outros feitos, que no conjunto, passaram a incomodar os EUA decisivamente.

Assim, a vitória eleitoral pela Casa Branca do republicano ultraconservador, presidente eleito, Donald Trump, em 2016, se deu, em parte, por conta de seu discurso agressivo de pregação de guerra comercial e de contenção da China. Das muitas queixas dos EUA, o déficit comercial em torno de 300 bilhões de dólares, entre 2016 e 2020, foi um dos motivos mais fortes e a desindustrialização de vastas regiões dos EUA passou a pesar muito entre os trabalhadores, perdedores no processo de globalização.

A pandemia mundial, causada pelo vírus SARS-COV-2 em 2020, com origem em Wuhan na China, ampliou ainda mais os contenciosos entre as duas superpotências. Em julho de 2021, cerca de quase 5 milhões de pessoas havia morrido de covid-19, isto é da doença e de suas consequências causada pelo vírus SARS-COVI-2 da família do coronavírus. Nos EUA, morreram cerca de 700 mil pessoas, no Brasil, 600 mil, na China, 4.600 pessoas segundo dados oficiais. O presidente Donald Trump disputou a reeleição pela presidência dos EUA em 2020 agredindo a China com guerra comercial e também culpando ela pela pandemia e as terríveis consequências em perdas de vida e pelo desastre econômico. O senador democrata, Joe Biden, ex-vice presidente por duas vezes nos Governos de Barack Obama (2009-12-2016) acabou ganhando a disputa. Em 7 meses na Casa Branca, o presidente Biden, vai deixando claro por gestos e por palavras que a contenção da China é uma estratégia geopolítica bipartidária do país enquanto Estado-nação, independente de quem ou de qual partido esteja no governo.

Assim cabe perguntar 1) Quais são os principais pontos de convergência e divergência entre EUA e China projetados para o período 2020 – 2030? 2) Como a recuperação econômica mundial, particularmente dos EUA e da China, após a pandemia mundial do covid-19 direcionará o conflito e as tensões entre esses dois países? Vale ressaltar que um jogo de culpa e de responsabilização pela pandemia já está acontecendo no ano de 2021 entre os dois países. Esse texto pretende elaborar e refletir sobre a nova rodada de tensões entre os EUA e China no processo de superação da pandemia causada pelo SARS-COV-2. O objetivo geral desse artigo é tangenciar os principais pontos e áreas de conflito e tensões entre os EUA e a China no período de saída da pandemia mundial do covid-19 mirando a década de 2020-2030. Os objetivos específicos são:



- 1 – Verificar as posições e discursos dos EUA e da China para o mundo em torno da vacina contra o covid-19, da solidariedade e das conquistas em torno da biotecnologia esboçadas pelos dois países.
- 2 – Analisar os dados econômicos de 2020 e 2021 como o PIB e o comércio entre EUA e China;
- 3 – Avaliar os riscos, projetos e ambições dos EUA e da China no que tange a ilha de Taiwan.

METODOLOGIA

A metodologia aqui empregada vai olhar/analisar dados de saúde no que concerne ao combate ao covid-19 entre os dois países, dados macroeconômicos como PIB e comércio exterior, algumas movimentações diplomáticas e as principais declarações oficiais dos EUA e da China sobre Taiwan. Uma parte da análise consistirá em verificar a eficiência no combate a pandemia por parte da China e dos EUA, tanto em número de mortos como em número de vacinados. O crescimento do PIB e do comércio durante a pandemia e as projeções para 2021 e 2022 também serão observadas e analisadas. As principais medidas do governo Biden para conter a China, bem como as respostas dela a estas ações serão enumeradas e brevemente ponderadas. As declarações oficiais mais contundentes a respeito do status de Taiwan também serão objeto de considerações.

REFERENCIAL TEÓRICO

As tensões e disputas entre EUA e China estão em pleno amadurecimento. De 2014 até 2021, a ascensão pacífica da China, tal como este país qualificava o seu progresso econômico, passou a ser perturbada pelas apreensões da Casa Branca e do Congresso Americano. A mídia ocidental está tomada por esse debate sobre a rivalidade entre os dois países. No Brasil, o debate midiático é muito influenciado pela visão Estadunidense. Nesse texto contaremos com alguns autores, revistas e jornais como importantes fontes acadêmicas e de mídia especializada. O autor Henry



Kissinger⁴, ex-conselheiro de segurança da Casa Branca na década de 1970 e interlocutor frequente dos presidentes americanos, também um acadêmico e consultor de defesa e diplomacia é uma das principais referências. As revistas norte-americanas, Foreign Affairs, Foreign Policy e National Interest também são fontes valiosas. Elas recebem contribuições de analistas do mundo todo, obviamente com predomínio do viés americano. No Brasil, o CEBRI – Centro de Estudos Brasileiros de Relações Internacionais é uma fonte valiosa com muitos artigos, debates e publicações. Também a revista Interesse Nacional no Brasil e ainda os jornais Global Times e China Daily que expressam, em grande medida, percepções do partido comunista Chinês são fontes para ser consultadas. Essas são as fontes principais e os autores, mas outros também serão incluídos no estudo. É típico da análise geopolítica que a confrontação e as tensões entre duas potências mundiais de diferentes regiões do mundo envolvam cenários/paisagens muito amplos. Há tendências e contratendências, múltiplas alianças com outros países, atores, ações e narrativas diversas. Vale lembrar ainda que ao contrário da rivalidade entre os EUA e extinta URSS, as economias dos EUA e China são profundamente integradas. Os dois países são rivais, competidores, mas também complementares no capitalismo global. Um desacoplamento dessas duas economias, se fosse possível, emitiria ondas de choque não apenas nessas duas economias, mas no mundo todo. O cenário em avaliação e diagnóstico é amplo, complexo e fluído.

A crescente rivalidade entre os EUA e China começou a se tornar mais tangível a partir de 2014 com a chegada do líder Xi Jinping ao poder em Beijing. Também o documento publicado pela Casa Branca em 2015, ⁵Segurança Estratégica Nacional (2015; Casa Branca) explicitou ainda mais no governo Obama os riscos dessa relação bilateral. A eleição do presidente republicano Donald Trump em 2016, aconteceu, em grande parte, feita com ataques sistemáticos contra a China. A pandemia causada pelo vírus da família coronavírus, surgido na China em 2020, fez a rivalidade escalar dramaticamente. Dado o carácter muito recente da pandemia, ainda assim, há muitos dados na internet, artigos on line, imprensa, mas muitas informações são problemáticas. Por exemplo, muitas pessoas podem ter morrido em casa de covid no Brasil, nos EUA e

⁴ Ver KISSISNGER, H (2011)

⁵https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/docs/2015_national_security_strategy_2.pdf



Europa sem um atestado de óbito esclarecedor. Até porque a pandemia, as medidas sanitárias e vacinas estão em pleno desdobramento.

Portanto, dadas as limitações, esse texto usa como pano de fundo 3 obras já consolidadas sobre a geografia política e a China que vem de antes da pandemia. Esses trabalhos e autores ajudam a ancorar a discussão: KENNEDY, P (1989), KISSINGER, H (2011), Ó TUATHAIL, G (ORG) (2006). Por outro lado, esse artigo faz comparação das forças e fraquezas dos EUA e China nos campos econômico, comercial e militar, adicionando e confrontando as respostas dadas por cada um dos dois países no combate à pandemia. Assim, o desenvolvimento do artigo se faz em 3 tópicos principais a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Luta contra a Pandemia Empreendida por China e os EUA

Os EUA⁶ tiveram cerca de 720 mil mortos entre março de 2020 e outubro de 2021 causadas pelo SARS-COV-2. Na China, segundo dados oficiais, teriam morrido 4.600 pessoas. Até julho de 2021, a China tinha produzido metade das 4.5 bilhões de vacinas do mundo. Ela produziu cerca de 2.200.000.000 e vacinou cerca de 1.2 bilhão de pessoas de sua população. Os EUA produziram 480 milhões. A China produziu duas das principais vacinas utilizadas no mundo através das empresas Sinovac e Sinopharm. Os EUA produziram 3 vacinas, Pfizer(EUA/Alemanha), Janssen e Moderna. A Europa, através da Inglaterra produziu a Astrazênica/Oxford. A produção da vacina contra o vírus demonstrou, por parte desses países e de suas empresas, enorme capacidade financeira, tecnológica, científica, industrial e logística. As vacinas da China, através de venda ou doação se tornaram as mais utilizadas em países pobres e de renda média, inclusive no Brasil, por um período.

Na disputa das vacinas, os EUA e a Europa retardaram muito a permissão do ingresso de pessoas do mundo vacinadas com doses das empresas da China. Só em outubro de 2021, começaram a considerar permissões de viagens. Também alegam que suas vacinas são produzidas por tecnologias mais novas que as chinesas. Apontam ainda

⁶ Ver SILVA, R (2020)



que suas vacinas teriam mais eficácia e eficiência contra o vírus do que as chinesas. Por outro lado, a China controlou a expansão do vírus muito melhor do que a Europa e os EUA, portanto pôde compartilhar vacinas com outros países. EUA e Europa tiveram posturas de reter ao máximo as vacinas para suas populações enquanto a América Latina, África, parte da Ásia e do Oriente Médio lidam com a falta de vacinas. Em julho de 2021, até para melhorar a imagem dos EUA em face da liderança da China em vacinas para países pobres, o governo Biden anunciou a doação de 500 milhões de vacinas para a COVAX, braço da Organização Mundial de Saúde que distribuiria vacinas aos países mais pobres.

Nos EUA, cerca de 27% da população adulta recusa a se vacinar. As mortes aumentaram muito entre agosto e outubro de 2021. Um número ainda maior de pessoas se recusam a usar máscaras. A China, seja pela disciplina da população, seja pelo controle estatal da internet e da vida cotidiana, uma capacidade superior de vigiar e punir, obteve êxito excepcional na contenção do vírus. Os números de contaminados, mortos, vacinados na China são muito melhores dos que os dos EUA por quaisquer métricas e ângulos que se possa usar.

A capacidade produtiva da China em equipamentos médicos tornou o mundo e os EUA, em particular, completamente dependente da China na produção de diversos equipamentos hospitalares. Fosse máscaras, respiradores, camas hospitalares ou vestimentas de proteção na UTI, passando por insumos na produção de vacinas. No período crítico de maio a setembro de 2020, os EUA usaram do seu enorme poder econômico para impedir exportação de remédios e itens hospitalares diversos como também para comprar acima do preço encomendas já feitas por outros países à China. Em alguns casos, equipamentos destinados a outros países, foram comprados ou desviados para os EUA já em aeroportos. Obviamente as empresas chinesas desfaziam contratos para vender a quem podia pagar mais. Aqui o egoísmo dos EUA se encontrou com a sede de lucro da indústria chinesa de equipamentos médicos. De modo que quase todo o mundo teve pedidos de equipamentos médicos, no período mais duro, cancelados, adiados e retardados para que fossem desviados para os EUA. Nem mesmo França e Alemanha escaparam da pressão americana por equipamentos.



Breve Olhar sobre a Interação entre duas Economias : EUA e China

O crescimento da economia Chinesa entre 1980 e 2020 foi muito forte. Nesses 40 anos, no início desse período, o tamanho da econômica Americana, medida em PIB, era quase 20 vezes superior ao da China. Em 2020, a economia da China já era de 14.700 trilhões, medidos pelo produto interno bruto e a dos EUA, cerca de 20 trilhões. O déficit comercial dos EUA com a China foi 297 US\$ bilhões em 2019 e subiu para 317 US\$ bilhões em 2020. Provavelmente a importação de equipamentos médico-hospitalares teve um peso elevado nesse processo. Havia uma expectativa que o produto interno bruto da China ultrapassasse o dos EUA por volta de 2035, com a pandemia, isto pode ocorrer já em 2028. A tabela a seguir é reveladora do rápido enriquecimento da China.

CRESCIMENTO DO PIB 1970 – 2020

PAÍSES	1970	1980	2000	2010	2020
EUA	1.165 T USD	2,857 T USD	10.58 T USD	14.99 T USD	20.94 T USD
CHINA	99.8 B USD	191.1 B USD	1.339 T USD	6.087 T USD	14.72 T USD
JAPÃO	240 B USD	1.105 B USD	4.304 T USD	5.7 T USD	- - -

Fonte : Banco Mundial/google

Os EUA estão há décadas com déficit comercial e fiscal sempre crescente. O mundo inteiro sustenta esse quadro econômico, algo inaceitável para os demais países, através da compra de títulos do tesouro americano. A China é desde os anos 2000, o principal financiador desse déficit. A partir de 2018, talvez em função da guerra comercial, a China tem diminuído a sua posse de títulos da dívida americana. Em junho de 2020, o Japão já era o maior detentor sendo seguido de perto pela China. Assim, o Japão detinha 1.277 US\$ trilhão em títulos do governo americano, primeiro lugar, a China, segundo lugar detinha 1.061 US\$ trilhão e o Brasil, sétimo maior detentor com 249 US\$ bilhões. Em setembro de 2021, a dívida federal dos EUA, ou dívida soberana era de 26 US\$ trilhões, isto é, 30% acima do PIB. Todavia, as regras que se aplicam ao endividamento soberano a todos os países do mundo, não se aplicam aos EUA. A



senhoriagem do dólar como moeda internacional e a posição dos EUA e do dólar no centro do capitalismo global deve seguir ainda por algumas décadas. Investidores do mundo todo, em momentos de crise, correm para o dólar ou para os títulos do tesouro americano mesmo quando os EUA são o centro da crise. A tabela seguinte mostra outro aspecto do crescente contencioso entre os EUA e China.

DÉFICIT COMERCIAL DOS EUA COM A CHINA

ANO	VALOR EM BILHÕES DE USD
1985	- 6,0 U\$
1990	- 10.431 U\$
2000	- 83 U\$
2010	- 273 U\$
2015	- 367 U\$
2020	- 310 U\$

Fonte: <https://www.census.gov/foreign-trade/balance/>

A tabela anterior, mostra como são preocupantes para os EUA o déficit comercial com esse país. Muitas empresas que exportam da China para os EUA são empresas americanas. A consequência foi uma forte desindustrialização nos EUA entre 1990 e 2020, com o empobrecimento dos trabalhadores americanos, a falência de muitas cidades e enriquecimento de executivos e acionistas de empresas que migraram para a Ásia: Vietnã, Malásia entre outros. Esse processo de desânimo e empobrecimento levou grande parte da classe média e dos trabalhadores americanos, algo que era sinônimo na década de 1970, a votar na extrema direita, em 2016, representada pelo presidente republicano Donald Trump. Ele, de sua parte, prometeu combater⁷ a China, trazer de volta indústrias para os EUA e criar milhões de empregos. Este presidente

⁷ Ver SPLIN, R (2020) no New York Times



americano iniciou uma guerra comercial contra a China para frear a expansão da “ameaça comunista chinesa” e diminuir o déficit comercial. Todavia, essas duas economias capitalistas estão profundamente integradas nos mais diversos níveis da produção, investimentos, endividamento, financiamento, crédito e comércio. A Pandemia colocou limites e problemas para a Guerra comercial de Trump.

Com a Pandemia⁸ em 2020, a retórica anti-China na Casa Branca, que já foi importante na eleição de 2016, na qual a democrata Hillary Clinton, apoiada pelo presidente Barack Obama, saiu derrotada, assumiu contornos explosivos e belicosos. Empresas chinesas de mídia da internet com sucesso mundial (tik tok) foram ameaçadas de banimento do mercado americano, o acesso da China a microchips e semicondutores passou a ser dificultado pelos EUA. A Casa Branca sob Trump iniciou uma guerra global contra o domínio chinês da tecnologia 5 G. Nesse mercado e nessa tecnologia, a China está bem a frente dos EUA.

Mesmo com a guerra comercial dos EUA contra a China no governo Trump em 2020, o comércio aumentou entre os dois países e com ele o déficit comercial. A maciça importação americana de equipamentos médico-hospitalares na urgência da pandemia pareceu reforçar a dependência dos EUA da indústria da China.

Em que pese todo o barulho na campanha, o presidente Republicano Donald Trump acabou perdendo a eleição para senador e ex-vice presidente por duas vezes, o democrata Joe Biden. A nova administração é muito mais diplomática, mas já sinalizou que o conflito econômico entorno do comércio, emprego, industrial, internet 5 G deverá continuar da mesma forma.

Crescente Tensão Militar entre os EUA e a China: Taiwan, Hong Kong, Xing Jiang

Não é possível, no espaço desse artigo cobrir amplamente as tensões militares entre os EUA e a China. Mas é importante fazer, ainda que rapidamente, alguns registros e observações. Com o fim da Guerra Civil e a vitória do Partido Comunista liderado por Mao Zedung, as forças derrotadas de Chiang Kai-Shek, apoiadas pelos

⁸ Para Richard Hass (2020; Foreign Affairs), a Pandemia não vai mudar a história, mas vai acelerar as tendências que já existiam antes dela, entre as quais, a principal era a oposição entre os EUA e a China.



EUA, foram para a Ilha de Taiwan . A Ilha foi reconhecida até 1971 como a representante do povo chinês na ONU. Com a reaproximação entre Washington e Beijing ao longo da década de 1970, os EUA reconheceram um só país e apoiaram a participação da China continental no Conselho de Segurança como representante do povo chinês. Por outro lado, embora sem reconhecer diplomaticamente Taiwan, os EUA se comprometeram com a segurança da ilha. Entre 2010 e 2021, Washington tem entregado muitos armamentos sofisticados para a ilha sob os protestos de Beijing.

Depois de mais de 150 anos de domínio Britânico sobre a cidade portuária de Hong Kong, a cidade voltou para o controle da China em 1997, mas manteria a posição de uma área especial com controle menos rígido de Beijing. De 2017 à 2021, Beijing reprimiu protestos e aumentou o controle sobre a cidade portuária e centro financeiro da Ásia sob forte protesto de Washington e Londres. Também, a região chinesa de Xing Jiang, no noroeste do país, habitada por povos muçulmanos tem sido fonte de conflito entre a China com os EUA e a Europa. Alega-se no ocidente que Beijing impôs rigoroso controle de natalidade da população e campos forçados de reeducação que reprimem a prática religiosa muçulmana. De fato a China tem preocupações com a radicalização religiosa, mas a extensão de suas ações e o conhecimento do que ocorre lá é bastante controverso, sobretudo por conta do controle de informações de Beijing.

Para a China, sua unidade territorial, sua soberania e legitimidade de seu governo é um problema interno. A incorporação de Taiwan é a maior prioridade nacional, uma só China é lema do Partido Comunista, do povo da China continental. Isto é o problema geopolítico mais cadente do país e da Ásia. Taiwan tem fortes laços comerciais e de investimento com a China mas recusa a ser controlada por Beijing. Os problemas de Hong Kong e Xin Jiang são problemas internos da China, alega Beijing. Outro ponto também crucial é o Mar do Sul da China. O país alega que esse mar, fundamental para o trânsito de grande parte do comércio mundial, zona de pesca para vários países e com reservas de petróleo e gás recém-descobertas, é na sua maior parte, mais de 70 % sua área territorial. Seus vizinhos e os EUA contestam essa tese.

Os EUA tem base militares no Japão e Coreia do Sul e tem usado a Índia, em uma série de acordos militares para cercar a China. Japão e Austrália, por sua vez, estimulados por Washington tem aumentado dramaticamente seus orçamentos militares, sobretudo sua capacidade naval com destaque para submarinos. Os EUA, Japão, Inglaterra e Austrália tem formalizado acordos militares, sobretudo no campo naval,



para se contrapor ao crescente poder aeronaval da China. Em setembro de 2021, a Austrália abandonou um acordo de 50 US\$ bilhões com a França por um novo acordo com Washington e Londres para adquirir 12 submarinos nucleares nos próximos 30 anos. É muito raro, praticamente inexistente, haver cooperação e transferência de tecnologia nuclear na área de submarinos. As frotas desses 5 países devem agir de forma cada vez mais coordenada. Estaria sendo montada na prática uma espécie de OTAN da Ásia contra a China.

Por outro lado, há uma crescente cooperação militar entre a Rússia e a China na Ásia. A capacidade militar da China em orçamento, novas tecnologias e armas, capacidade aeronaval tem crescido dramaticamente entre 2010 e 2021. Novos submarinos nucleares, porta-aviões e mísseis hipersônicos estariam sendo incorporados às forças chinesas. Uma atenção muito especial deve ser dada aos mísseis hipersônicos, capazes de voar entre 6 e 10 vezes a velocidade do som, representaria um risco imenso aos porta-aviões dos EUA. Vale lembrar que há imenso contencioso de caráter histórico do Japão e da Índia com a China. O Japão invadiu a China na década de 1930 e só foi expulso em 1945. São muitos os massacres e crimes de Guerras cometidos pelos Japoneses na ocupação. Já com a Índia há problemas mal resolvidos de fronteira que levou os dois países a um enfrentamento bélico rápido em 1962 com vitória da China.

A China depende dramaticamente de um trânsito⁹ pelos mares e oceanos do mundo. O país importa muitos alimentos, com destaque para o Brasil, para alimentar sua população de cerca de 1,4 bilhões de pessoas. Também requer matérias-primas de todo o mundo para alimentar sua gigantesca industrial. A imagem de um bloqueio naval, nos moldes do que a Inglaterra sofreu na Segunda Guerra Mundial é um pesadelo geopolítico. A China está se tornando muito rapidamente uma potência naval. Em 2021, o orçamento de defesa dos EUA girou em torno de 750 US\$ bilhões, o da China está ao redor de 250 US\$ bilhões. Os outros países, com os orçamentos mais importantes no mundo ficam longe, Rússia, Arábia Saudita, França, Japão e Inglaterra, entre outros, ficam abaixo de 100 US\$ bilhões.

⁹ MARSHAL, T. (2018) o autor demonstra que a China, em caso de Guerra, teria problemas com sua marinha para sair pelo Oceano Pacífico, em meio a ilhas Japonesas. Já no Mar Meridional em direção ao Índico e ao Oriente Médio, a marinha chinesa teria que passar por Filipinas, Malásia e Indonésia, todos aliados americanos. O estreito de Malaca, entre a Malásia e a Indonésia, no ponto mais estreito com 3 km de largura, seria um formidável obstáculo à Marinha chinesa, se bloqueado.



Não se vislumbra uma guerra aberta entre os dois contendores. A China não tem poder para enfrentar os EUA em todo o mundo. Mas na Ásia, no extremo Oriente, o país já teria condições de se opor. Também, acidentes podem acontecer nesse processo de tensão crescente. Não houve guerra direta entre os EUA e a URSS, entre 1945 e 1991, mas a corrida armamentista pesou muito mais sobre o país socialista. Com uma população 4 vezes maior do que a Americana, uma corrida armamentista com os EUA deve pesar no bem estar da população chinesa de modo desproporcional. Seja como for, o mundo está cada vez mais atento às tensões entre os EUA e China e seus possíveis desdobramentos militares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os EUA perceberam que pelo ritmo do crescimento econômico, comercial e tecnológico da China, demonstrado entre 2000 e 2015, seriam superados em algum ponto entre a década de 2030 e 2040. A China poderia ter trilhado um caminho similar ao do México, receber indústrias Americanas, montar e exportar. No entanto, o país investiu muito em educação e tecnologia e orientava os investimentos industriais e tecnológicos externos para um processo de aprendizagem internalizada. Com o tempo, a China aprendia a fazer a replicar os produtos e tecnologias, abrir suas próprias empresas, concorrer e eventualmente substituir empresas que foram lá produzir. Há muitas acusações de quebra e roubo de patentes, processos e tecnologias por parte dos EUA e da Europa.

Em quase todos os campos, a China aprendeu a fazer processos industriais e criou empresas concorrentes com as dos EUA, Europa e Japão: trens, celulares, tvs, carros, aviões, construção civil, fármacos, etc. Na internet 5G¹⁰, tecnologia crucial para a inteligência artificial, processamento de dados e aplicações praticamente universais em casa, na indústria, hospitais, turismo, a China pulou à frente dos EUA, Europa e Japão entre 2019 e 2021. Isso provocou forte irritação e reação dos EUA que tem feito

¹⁰ BARBOSA (2020). O Brasil sofreu forte pressão dos EUA para não autorizar o equipamentos da empresa chinesa Huawei para internet 5 G. Inglaterra e França, sob pressão dos EUA, baniram grande parte dos equipamentos chineses. Os EUA alegam vazamento de dados sensíveis para a China.



pressão sobre países de todo o mundo para rejeitarem o fornecimento de equipamentos pela gigante chinesa Huawei sob alegação de que esta corporação roubaria dados de empresas, cidadãos e governos para repassar ao Partido Comunista Chinês.

Por outro lado, em contraste com a sua força na tecnologia 5G, a China revela uma fraqueza fundamental, isto ocorre na área de semicondutores. Os EUA e seus aliados, Taiwan, Coreia do Sul, Holanda e Japão dominam esse complexo processo industrial transnacional vital em eletrônica. Celulares, carros, computadores, satélites, tvs, drones, mísseis e muitos outros produtos dependem dessa tecnologia. A China recebia amplo fornecimento de semicondutores até 2019 quando os EUA começaram a forçar a redução desse item essencial. O país investe muito, está desenvolvido capacidade na área, mas está atrás entre 3 e 5 anos em capacidade tecnológica nesse campo. Nem mesmo os EUA lideram esse campo, hoje Taiwan e Holanda tem maior domínio tecnológico na área.

Cerca de 120 países no mundo tem hoje a China como principal parceiro comercial. O déficit comercial dos EUA com a China girou ao redor de 300 U\$ bilhões entre 2015 e 2021. A dependência industrial dos EUA ficou mais evidente na pandemia, em 2020, quando o desespero dos hospitais dos EUA por respiradores, máscaras, macas e outros equipamentos médico-hospitalares ganhou manchetes pelo mundo. As duas economias são integradas. Os EUA importam muitos produtos industriais da China, sendo o celular iphone, o exemplo mais famoso, obviamente, muitos desses produtos são feitos por empresas americanas na China. Este país, por sua vez, depende visceralmente do poderoso mercado consumidor americano. Vale destacar ainda a importância da China em financiar o déficit fiscal através da compra de títulos americanos.

As duas economias, da China e dos EUA, são muito integradas e mutuamente dependentes. Em que pese esse fator, as tensões geopolíticas e econômicas são crescentes. A desindustrialização dos EUA, o empobrecimento da classe/média/operária em antigas regiões industriais criou um caldo de cultura de rancor e deslocamento para a extrema direita. Os EUA tem sido, desde 2008, palco de grande instabilidade política, da qual, a eleição do presidente Donald Trump em 2016, sua derrota em 2020, a não aceitação da derrota com a invasão do Congresso se mostram como os estertores da radicalização. Mais surpresas ainda podem estar por vir.



Na China há mudanças demográficas importantes junto com uma acelerada urbanização e forte poluição ambiental. Parece haver notável estabilidade política olhando para a superfície de uma sociedade com quase 1,4 bilhões de pessoas. Uma vez que a economia tem crescido a elevadas taxas, 800 milhões de pessoas saíram da pobreza sendo que 350 milhões viraram classe média, há percepção de progresso e aceitação de um governo, tido no ocidente como autoritário e dirigista. O desenvolvimento econômico, científico e tecnológico com melhoria da renda estimulou o nacionalismo que é usado pelo partido comunista para fortalecer o seu poder. Se a China parar de crescer ou ritmo diminuir muito, pode haver perigosa instabilidade política.

A instabilidade política nos EUA, a profunda divisão da sociedade e um governo beligerante alimentador de guerra cultural, levou a uma condução desastrosa do combate a pandemia. A negação do perigo do vírus, do distanciamento, do uso de máscara e mais tarde a recusa à vacina levou o país ao desastre humanitário com 700 mil mortos em consequência do covid-19. Sendo os EUA líderes em pesquisa, ciência e tecnologia, o mundo assistiu com horror a esse debacle. A organização, a disciplina, a coesão da sociedade chinesa na luta contra o vírus tendo atingido excelentes resultados com apenas cerca de 5 mil mortos, segundo dados oficiais, deixou os EUA com uma imagem global bastante prejudicada.

O estímulo a protestos por mais democracia em Hong Kong, iniciados em 2019, contra leis da China sobre esse território com status especial, a venda de armas para Taiwan por parte dos EUA junto com as denúncias dos países Europeus e dos EUA contra supostos abusos de direitos humanos por parte de Beijing na província de Xing Jiang deixam o governo e a diplomacia da China muito irritados. Para Beijing, essas denúncias e ações atentam contra a sua soberania política e territorial e tentam deslegitimar o governo. Também, o desenvolvimento econômico e tecnológico da China entre 2000 e 2021 se traduziu em grande aumento da capacidade militar em todas as frentes: tecnologia, orçamento, novas armas, força naval, novas aeronaves e novos mísseis, inclusive armas supersônicas em teste e ainda maior capacidade aeroespacial civil e militar.

Taiwan é reconhecida no mundo como país por apenas 15 estado-nações e não tem representação na ONU desde 1971. A República Popular da China, ou China continental considera Taiwan como uma província rebelde e tem como grande objetivo



estratégico incorporar ao ilha ao comando de Beijing. Os EUA não reconhecem Taiwan como um país devido aos acordos com a China entre 1971 e 1979, todavia, não aceitam a incorporação de Taiwan, vendem armas sofisticadas para a ilha se defender e ameaçam intervir se a China se movimentar militarmente. As reivindicações territoriais chinesas sobre o Mar do Sul da China, sobre Taiwan, problemas de fronteira com a Índia, disputas por ilhas com o Japão somado ao contencioso entre os dois países desde a Segunda Guerra criaram as condições para os EUA organizarem uma coalizão contra a China chamada QUAD que reúne EUA, Índia, Japão e Austrália. Pode-se acrescentar a Inglaterra informalmente ao grupo na medida em que sua marinha tem atuado em conjunto com os EUA e Austrália.

Com as economias das duas superpotências integradas há enorme risco sistêmico em caso de conflito militar direto ou indireto. No governo Trump houve muita discussão sobre o desacoplamento das duas economias, sobretudo por conta da dependência dos EUA e do mundo de equipamentos médico-hospitalares produzidos na China. Na prática essa separação é muito difícil. A China também exportava cerca de 35 % de sua produção industrial no passado, em 2020, exportou 18%. O país está crescendo para dentro, incorporando milhões de pessoas e tem se preocupado mais com envelhecimento, problemas ambientais e inovação científica e tecnológica. A pandemia ajudou a exacerbar várias tensões que já vinham se despontando a partir de 2010. Com o aumento da capacidade militar no extremo oriente envolvendo não apenas Beijing, Washington e Taiwan, somadas às tensões vivificadas por declarações, provocações, orgulho nacional e acordos mútuos de defesa mas também outros países/atores, há sempre o risco de acidentes de caráter bélico. Algum navio, avião, submarino, isto é seus comandos, comandantes podem mal interpretar algum gesto ou sinal da outra parte levando a um disparo, e, na sequência ocorrer uma escalada perigosa. A história e a geopolítica das relações entre os EUA e a China estará, sem dúvida, no centro das preocupações internacionais pelas próximas décadas do século XXI, especialmente no período de 2020 a 2050.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. O Brasil e a Guerra Tecnológica EUA-China. In: **Interesse Nacional**. São Paulo: ano 13, n 49, Abril – junho de 2020 p
(<http://interessenacional.com.br/2020/04/03/o-brasil-e-a-guerra-tecnologica-eua-china/>)

DING, Y e GALLAHER, K. The Virus offers a Way out of the Thucydides trap. In: **China Daily**, 05 de maio de 2020. (<http://global.chinadaily.com.cn>)

Folha de São Paulo <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-coronavirus-de-certa-histeria-a-fantasia-e-nerouse>

GREEN, M e MEDEIROS, E. The Pandemic won't make China the World's leader: Few Countries are Buying the Model or the Message from Beijing. in: **Foreign Affairs**. Abril de 2020. (2020 <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-04-15/pandemic-wont-make-china-worlds-leader>)

HARVEY, D. Política anticapitalista em tempos de COVID – 19 in: DAVIS, M. (Org). **Coronavírus e a luta de Classes**. Mike Davis. São Paulo: Terra Sem Amos, 2020.

HASS, R. The Pandemic Will Accelerate History rather than Reshape it: Not every crisis is a turning point. In: **Foreign Affairs**. New York, Abril, 2020 (Richard Hass (2020, Foreign Policy, <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-04-07/pandemic-will-accelerate-history-rather-reshape-it>)

Jonh Hopking University – Base de Dados do Coronavírus: /
<https://coronavirus.jhu.edu/us-map>

KISSINGER, H. **On China**. Nova York: Penguin, 2011.

KISSINGER, H. **Does American Need a Foreign Policy?** Toward a Diplomacy for the 21st Century. Nova York: Simon e Shuster, 2001



KLIMAN, D. (ORG). **Grading China's Belt and Road**, Relatório Especial, Centro Para Um Novo Século Americano, Abril de 2019. (<https://www.cnas.org/publications/reports/beltandroad>)

MARSHAL, T. **Prisioneiros da Geografia**: 10 mapas que explicam tudo que o que você precisa saber sobre política global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018

SILVA, R. Efeitos Geopolíticos da Pandemia (Coronavírus): o fortalecimento da China? in: MATOS, P. F. e COSTA, C. L. (Org) **Uma Geografia do Século XXI – Temas e Tensões**. Curitiba: CRV, 2020

SPLIN, R. Can the Democrats avoid Trump's China Trap? In : **The New York Times**, opinião, 11 de maio de 2020. <https://www.nytimes.com/2020/05/10/opinion/china-coronavirus-trump.html>

The Economist, Editorial, Is China Winning? The geopolitical Consequences of the covid – 19 will be subtle , but unfortunate. 16 de Abril de 2020 (<https://www.economist.com/leaders/2020/04/16/is-china-winning>)

The Washington Post, <https://www.washingtonpost.com/graphics/2020/politics/trump-coronavirus-statements/>

ZAKARIA, F. **The Post-American World**. Nova York: Norton, 2008.

Disponível em: <https://www.cnbc.com/2021/02/01/new-chart-shows-china-gdp-could-overtake-us-sooner-as-covid-took-its-toll.html> Acesso em: 14 de julho de 2021

Disponível em: <https://www.census.gov/foreign-trade/balance/>. Acesso em 13 de Outubro de 2021

Disponível em https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/docs/2015_national_security_strategy_2.pdf. Acesso em 12 de Setembro de 2021



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875